

A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO E DO PODER EM MÁRIO DE CARVALHO: UMA APOLOGIA DA SUBVERSÃO, DE MÁRCIA MANIR MIGUEL FEITOSA

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i32p186-191>

Cristiane Navarrete Tolomei¹

RESUMO

A resenha apresenta o livro *A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão* (2018), da pesquisadora Márcia Manir Miguel Feitosa, da Universidade Federal do Maranhão. No cruzamento entre o literário e o geográfico, Feitosa busca, nos teóricos da Geografia Humanista Cultural, o referencial para traçar uma leitura da representação do espaço e do poder na narrativa do escritor português Mário de Carvalho.

ABSTRACT

The review presents the book A representação do espaço e do poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão (2018), written by The Federal University of Maranhão researcher Márcia Manir Miguel Feitosa. Crossing the literary and the geographical, Feitosa seeks, in the Humanist Cultural Geography theorists, the reference to trace a reading of space and power representation in the narrative of the Portuguese writer Mário de Carvalho.

PALAVRAS-CHAVE:

Mário de Carvalho;
narrativa contemporânea;
Literatura portuguesa;
Geografia Humanista Cultural;
poder.

KEYWORDS

Mário de Carvalho;
contemporary narrative;
Portuguese literature;
Cultural Humanist Geography;
power.

¹ Universidade Federal do Maranhão, São Luís, Maranhão, Brasil.

O

s estudos sobre espaço sempre foram fundamentais no campo literário e sua significativa contribuição para a análise das narrativas, sobretudo, contemporâneas, resultam em publicações como a do livro *A Representação do Espaço e do Poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão*, escrito pela professora e pesquisadora da Universidade Federal do Maranhão, Márcia Manir Miguel Feitosa.¹

É reconhecido, desde o título do livro, o caráter interdisciplinar a que se propõe, no qual Literatura e Geografia se encontram para uma análise profícua da obra narrativa do escritor português contemporâneo Mário de Carvalho. No cruzamento entre o literário e o geográfico, Feitosa busca nos teóricos da Geografia Humanista Cultural (GHC) o referencial para traçar uma leitura acerca da representação do espaço e do poder no livro de contos *Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde Jano* (1991), especificamente no conto “Quatrocentos mil sestércios”, nas novelas “Ocaso em Carvangel” e “O varandim”, do livro *O varandim seguido de Ocaso em Carvangel* (2012), no romance *A sala magenta* (2008) e no conto-título “A liberdade de pátio” (2013), todos escritos por Mário de Carvalho. Com um amplo objeto de estudo, Feitosa analisa o discurso literário e a geograficidade para explorar o caráter subversivo das narrativas supracitadas do autor português.

Com uma divisão em três partes, o livro faz, na “Introdução”, uma breve apresentação das obras e prêmios de Mário de Carvalho para, em seguida, apresentar ao leitor o diálogo entre Literatura e Geografia, e, na segunda e terceira partes, analisar o *corpus* da perspectiva comparativa e interdisciplinar, através das representações de espaço e de poder.

Desenvolvendo um percurso cronológico e bem fundamentado a respeito do estudo do espaço no universo literário, Feitosa trata da geografia, enquanto ciência preocupada com o espaço vivido, como instrumento de análise fundamentada nos princípios fenomenológico-existencialistas, para compreender como o sujeito constrói sua identidade por meio da experiência geográfica. Assim, segundo a autora (2018, p. 25), “o traço que mais caracterizou a nova geografia, conhecida desde então como ‘humanista’, foram as apropriações de dois conceitos: o de mundo vivido e o de ser-no-mundo, este diretamente associado ao conceito de lugar”.

¹ Publicado em São Luís, pela editora Café & Lápis, em 2018, com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA). A publicação é resultado de pesquisa em nível de pós-doutoramento, realizada no Centro de Estudos Comparatistas, da Faculdade de Letras, da Universidade de Lisboa, com bolsa de estágio sênior, pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Na segunda parte do livro, intitulada “O reverso da medalha na abordagem espacial”, Márcia Manir Feitosa analisa três textos – é a parte mais longa de seu estudo. O primeiro texto é o conto “Quatrocentos mil sestércios”. Nele há a confluência entre a cultura erudita e popular, já que gêneros como o épico e a fábula são alguns exemplos inseridos no texto de Mário de Carvalho. Entretanto, diferente do erudito épico, Feitosa explica que, embora o conto esteja composto por elementos tradicionais da narrativa e o narrador-personagem, Marco, possa ser um modelo da “figura épica por excelência”, é por meio da forma subversiva, tão característica na obra de Mário de Carvalho, que o narrador-personagem apresenta o “caráter picaresco e astucioso a manipular a história e os acontecimentos” (*Idem*, p. 34).

Na viagem de Salácia a Miróbriga, o anti-herói Marco, em princípio preguiçoso e beberrão, mostra-se, no decorrer da viagem, “muito inventivo e imaginativo” (p. 44), ou seja, ele entra em contato com novas experiências, “sendo o espaço experienciado de várias maneiras” (p. 47). Assim, para analisar como Marco se projeta no espaço, a pesquisadora se vale dos estudos de Yi-fu Tuan acerca da experiência do sujeito em relação ao espaço, para embasar como Marco deixou de ser um inexperiente viajante para ser um experiente no transcurso de sua viagem: “[...] experienciar é vencer os perigos. A palavra ‘experiência’ provém da mesma raiz latina (*per*) de ‘experimento’, ‘experto’ e ‘perigoso’” (TUAN, 2013, p. 18). Assim, coerente com as perspectivas da GHC, Feitosa analisa o conto de Mário de Carvalho a partir da ideia do sujeito como resultado de sua experiência espacial e de como ela contribui para a sua formação identitária e social.

Ainda na segunda parte do seu estudo, a autora analisa a obra *Varandim seguido de Ocaso em Carvangel*, composta por duas novelas: a primeira, “O varandim”, e a segunda, “Ocaso em Carvangel”. Analisando a segunda, Feitosa trabalha com a tese da narrativa insólita na leitura que realiza de “Ocaso em Carvangel”, na qual o protagonista Rossélio e o navio Maria Speranza destacam-se no cenário de acontecimentos incríveis. Mário de Carvalho expressa artisticamente, na novela em questão, a recusa do comum e, de acordo com Feitosa, cria uma narrativa de “perplexidade”. Nesse sentido, a autora aproxima a trama da narrativa, que tem também como tema a viagem, com o mapa geográfico / fenomenológico que propõe estudar.

Feitosa ressalta que Mário de Carvalho instrumentaliza o insólito para subverter sua própria narrativa, contestando as convenções que a tornaram possível, além, claro, de subverter o tempo, humanizando-o, com o intuito de amenizar seu caráter abstrato no uso do espaço:

Afora os acontecimentos, coexistem na bruma do insólito um canhão-símbolo que nunca foi disparado [...] um navio

ansiosamente esperado e que, por fim, parece existir apenas no plano da imaginação (p. 56).

Ademais, citando Tuan (2012; 2013) e Dardel (2011), Feitosa analisa os conceitos de “percepção”, “símbolo”, “espaço mítico” e “dualidade”, para apontar como Mário de Carvalho subverte o tempo e o espaço na novela “Ocaso em Carvangel” pela ação das personagens. Assim, a autora, tomando o referencial fenomenológico da GHC, mergulha na trama da narrativa para apresentar a subversão de Mário de Carvalho na escrita e o manejo do tempo e do espaço diante das experiências vividas pelas personagens.

Finalizando a segunda parte do livro, a autora analisa o romance *A sala magenta* (2008), que traz uma “narrativa dirigida por um narrador onisciente que perscruta os personagens e expõe as suas mais recônditas mazelas, seus mais íntimos segredos. Vale-se [...] de flashbacks e [...] da memória em meio à sequência da narração [...]” (*Idem*, p. 73). Em vista disso, na leitura empreendida por Feitosa, o foco está no fenômeno da memória em torno do espaço da sala magenta, que caminha de um espaço sem aconchego para o de acolhimento.² Em outras palavras, a pesquisadora preocupa-se em analisar a identidade dos lugares a partir da noção de envolvimento /pertencimento, classificando a interioridade do lugar como “comportamental, empática e existencial” (p. 76).

Ressaltando como a escrita ficcional de Mário de Carvalho é permeada por flashbacks “que dão o tom e o ritmo à narrativa” (p. 82), Feitosa aponta para o fenômeno da memória na perspectiva do lugar, no romance *A sala magenta*, recorrendo ao estudo de Tuan (2013) acerca do dualismo “espaciosidade” e “apinhamento”, para revelar como essa dualidade marca as ações do protagonista Gustavo Dias Miguel.

Num romance de desconcerto, Feitosa salienta como, na trama, “os desalinhos da memória e do espaço [...] os equívocos e as contrariedades, o desencanto e a melancolia sustentam o silêncio da linguagem. Não o silêncio de Mário de Carvalho” (p. 90-1), ou seja, de forma metalinguística, o escritor português compõe um cenário memorialístico para refletir sobre o tempo, o espaço, mas, sobretudo, sobre o poder na imaginação frente à realidade, tendo como mote o desencanto.

Na última parte do livro, intitulada “A transgressão da simetria do poder”, Feitosa analisa a novela “O varandim”, da obra *O Varandim seguido de Ocaso em Carvangel*, e o conto “A liberdade de pátio”, que dá nome ao livro de 2013. Da novela “O varandim”, a autora analisou como “a categoria espaço exerce[u] papel fundamental na narrativa a ponto de interferir nas ações das personagens e na composição do tempo” (p. 94). Para isso, a pesquisadora coloca em tela a casa da família de Zoltan Tremlich, na qual o sótão tornou-se varandim e onde a narrativa tem maior

² Cf. RELPH, 1976.

concentração, uma vez que as execuções na praça principal da cidade Svidânia poderiam ser melhor observadas dali, resultando no aumento considerável de pessoas na casa, sufocando o protagonista.

Enquanto acreditava encontrar na casa da família o aconchego, de acordo com Feitosa, Zoltan sofre o que Tuan (2013) chama de “apinhamento”, “quando pessoas passam a restringir a liberdade e a ocupação do espaço” (p. 97), deixando de configurar um lugar ideal. Segundo a autora, o protagonista, obrigado a sair da casa em busca de um padre para encomendar a alma do sogro, finalmente encontra o que Tuan denomina “espaciosidade” nas ruas e na praça vazia, isto é, depara-se com a liberdade. Em vista disso, ocorre, como Feitosa muito bem verificou, a subversão da narrativa, já que “em praça pública, sem qualquer apinhamento ou imposição” (p. 103), Zoltan assiste à execução dos parentes, amigos e funcionários, na ocasião da explosão da casa, pena estabelecida por utilizarem o varandim como arquibancada.

Por fim, o conto “A liberdade do pátio”, narrado em primeira pessoa por um professor anônimo, como relato experienciado entre o “discurso do não-interdito, circunstanciado pelo discurso da lisonja, da ilustração e da promessa que garante a manutenção do poder” (p. 107), identificando, nos atos de fala, declarada performatividade. Tal discurso, escorregadio na narrativa, surge no momento em que o professor, narrador-personagem, encarcerado num castelo, “ganha” a liberdade do pátio como um espaço de prazer e de poder. Contudo, ao menor gesto deste subir as muralhas, a liberdade e o poder lhe são retirados. Logo, Feitosa ressalta que “Mário de Carvalho, ao compor uma amálgama entre a ‘liberdade’ e o ‘pátio’, sugere ao leitor a vinculação estreita entre ambiente aberto e fechado, entre as concepções de espaço e lugar [...]” (p. 111). Ademais, citando Michel Foucault (1987), a autora traz a complexa relação de poder que ocorre dentro das prisões, sobremaneira, o “poder disciplinar”, que “comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos [...]” (p. 189). Em suma, é um conto que trata da “impotência do indivíduo frente a um ‘superpoder’ que exerce um controle descomunal sobre a sua vida [...]” (p. 114), trazendo reflexões em torno da vinculação estreita entre ambiente aberto e fechado, no qual espaço é movimento e lugar, a parada (cf. TUAN, 1978). E, para além da ausência de liberdade do personagem do professor, Feitosa ressalta a falta da liberdade da escrita de resistência.

Logo, Márcia Manir Feitosa faz uma leitura das esferas do poder por meio das representações espaciais que assumem nas narrativas.

Referências bibliográficas

- CARVALHO, Mário de. *Quatrocentos mil sestércios seguido de O conde Jano*. Lisboa: Caminho, 1991.
- CARVALHO, Mário de. *O varandim seguido de Ocaso em Carvangel*. Porto: Porto Ed., 2012.
- CARVALHO, Mário de. *A liberdade de pátio*. Porto: Porto Ed., 2013.
- CARVALHO, Mário de. *A sala magenta*. Porto: Porto Ed., 2016.
- DARDEL, Eric. *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- FEITOSA, Márcir Manir Miguel. *A Representação do Espaço e do Poder em Mário de Carvalho: uma apologia da subversão*. São Luís: Café & Lápis, 2018.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história de violência nas prisões*. Trad. de Lígia Maria Pondé Vassallo. Petrópolis; Rio de Janeiro: Vozes, 1987 (5ª ed.).
- RELPH, Edward. *Place and placelessness*. Londres: Pilon, 1976.
- TUAN, Yi-Fu. "Space, Time, Place": a humanistic frame. *The Geographical Review*, v. 65, n. 2. Nova Iorque: 1975, p. 151-65.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Trad. de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

Recebido em 2 de junho de 2020

Aprovado em 2 de julho de 2020

Cristiane Navarrete Tolomei é professora adjunta III de Literaturas de Língua Portuguesa, sob o regime de dedicação exclusiva, do Centro de Ciências, Educação e Linguagens, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Na mesma Universidade, é docente permanente do programa de pós-graduação em Letras, na linha de pesquisa Literatura, cultura e fronteiras do saber, do programa de pós-graduação em Cultura e Sociedade, na linha de pesquisa expressão e processos culturais e, em 2019, foi coordenadora do curso de pós-graduação em Letras. Em 2018, foi integrante da equipe proponente do Programa Nacional de Cooperação Acadêmica na Amazônia n. 21, da CAPES. É pós-doutora em fontes primárias e História literária pela Universidade Estadual Paulista (2013) e em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (2015; 2017), onde também se doutorou em estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa (2010). É líder do Grupo de Estudos e de Pesquisa Literatura, História e Imprensa (GEPELHI /UFMA), registrado no diretório dos grupos de pesquisa do CNPq, desenvolvendo projetos de pesquisa em fontes primárias e expressões e processos socioculturais. É diretora do Centro de Documentação e de Pesquisa Maria Firmina dos Reis (CEMDOP /UFMA). É membro da equipe de edição crítica e comentada de *Papéis Avulsos* de Machado de Assis, do LABEC da Universidade Federal Fluminense, e da equipe da edição crítica da obra de Eça de Queirós, da Universidade de Coimbra. Com experiência na captação de recursos, a docente já aprovou inúmeros projetos de pesquisa pelo PIBIC-UFMA, pela FAPEMA, pelo CNPq, pela Chamada Universal e por Eventos. Atua na área de Literatura e Imprensa, estudos Oitocentistas, estudos comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Literatura e História, Recepção de documentos primitivos e Decolonialidade. Contato: cntolomei@yahoo.com.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7017-0943>